



Pedro Lucas Bonfá Vieira Ramos\*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo elaborar uma nova perspectiva para o ensino de filosofia no ensino médio baseando-se em registros da filosofia de Nietzsche, trazendo uma discussão sobre uma metodologia considerada adequada para o ensino filosófico. Tem-se o intuito de aplicar a metodologia em aulas de filosofia e, posteriormente, avaliar a mesma, com a finalidade de verificar sua validade. Tendo como objetivo a necessidade de aperfeiçoamento das práticas de ensino de filosofia na perspectiva de melhorar o trabalho filosófico em sala de aula, pretende-se que a metodologia elaborada possibilite uma aprendizagem mais eficiente da filosofia para os estudantes do ensino médio. Assim, a partir da perspectiva do filósofo alemão, questiona-se: qual orientação metodológica pode ser considerada mais adequada para o ensino de filosofia no nível médio, que possa despertar nos alunos reflexões e uma atitude crítica em relação ao mundo, fazendo deles pessoas autônomas para a prática do filosofar, para a construção de si mesmo e para a melhoria do ensino da filosofia no nível médio? A discussão dá-se em torno de apresentar algumas críticas de Nietzsche a metodologia de ensino na educação alemã do século XIX, trazendo aspectos relevantes para refletir sobre o nível médio atual, seguindo-se da apresentação de apontamentos da filosofia nietzschiana para a construção de uma metodologia de ensino filosófico, direcionando-se, logo em seguida, para a apresentação dos aspectos descritivos que correspondem ao processo de aplicação e avaliação dos resultados obtidos na metodologia desenvolvida. Pois, sabe-se que o ser humano, embora sendo o único animal que se diferencia pelo fato de ser racional, necessita da cultura e educação. Dessa forma, a educação filosófica recai justamente onde o ser humano se distancia dos outros animais – no pensamento. É no pensar e na educação para a reflexão filosófica que a filosofia há de se caracterizar na construção do conhecimento que propõe aos alunos do ensino médio o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades intelectivas, cujos resultados possam trazer à tona o seu pensar crítico-filosófico e autêntico, para que estes consigam, a partir da utilização do pensamento lógico, intervir na sociedade em que se inserem, numa plena relação de percepção crítica e criativa sobre si e sua cultura, engajando-se na tarefa de contribuir na construção de uma sociedade de indivíduos críticos e conscientes de seus propósitos e ações para a existência de um mundo melhor.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Nova metodologia. Filosofia no ensino médio.

## Nietzsche's interpretation for the teaching of philosophy

## ABSTRACT

The present communication aims to develop a new perspective for the teaching of philosophy in secondary education based on records of the philosophy of Nietzsche, bringing a discussion about a philosophical methodology considered suitable for philosophical teaching at the educational level. The aim is to apply the methodology in philosophy classes and, subsequently, evaluate it, with the purpose of verifying its validity for this teaching. Aiming at the need to improve philosophy teaching practices with a view to improving philosophical work in the classroom when teaching it, it is intended that the methodology developed will enable a more efficient learning of philosophy for teaching students. average. Thus, from the perspective of the German philosopher and records of his philosophy, the question arises: which methodological orientation can be considered more appropriate for teaching philosophy at secondary level, which can, in the practice and experience of this teaching, awaken in students reflections and an attitude and criticism towards the world and make them autonomous people to practice philosophizing, to build themselves and to improve the teaching of philosophy at secondary level? The discussion recommended in this communication revolves around presenting some of Nietzsche's criticisms of teaching methodology in 19th century German education, bringing relevant aspects of his philosophy to reflect on the teaching of philosophy in the current secondary level scenario, following- the presentation of notes on Nietzsche's philosophy for the construction of a philosophical teaching methodology, immediately following the presentation of the descriptive aspects that correspond to the process of application and evaluation of the results obtained from the developed methodology. Because, it is known that the human being, although being the only animal that differs from other animals due to the fact that it is rational, this, in turn, needs Culture and education. In this way, philosophical education falls precisely where human beings distance themselves from other animals – in thought. It is in the action of thinking and in education for philosophical reflection that philosophy must be characterized in the construction of knowledge as a discipline that proposes to high school students the development of their intellectual capacities and skills, the results of which can bring to light differentiated thinking. critical-philosophical and authentic of students, that consequently they are able, through the use of logical thinking, to intervene in the society in which they are inserted, in a full relationship of critical and creative perception about themselves and their culture, engaging in the task of contributing to the construction of a society of critical individuals who are aware of their purposes and actions for the existence of a better world.

**Keywords:** Nietzsche. New methodology. Philosophy in high school.

\* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: pedrobonfa77@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/460825238906496>.

## Introdução

Buscaremos, a seguir, compreender a crítica de Friedrich Nietzsche (1844-1900) à educação de seu tempo. Evidenciadas tais críticas do filósofo alemão, pensaremos em seguida sobre teorias importantes do pensamento nietzschiano para a reflexão sobre o ensino da filosofia no ensino médio.

O pensamento filosófico criado por Nietzsche no que se refere à educação busca interpretar no contexto do século XIX o tratamento dado pelo Estado à filosofia, em especial à educação filosófica que culminava nessa época. Revela-se nesse momento, para o filósofo alemão, a necessidade de voltar os olhos para o ensino, para o sistema educacional que era oferecido na Alemanha.

Um dos questionamentos do filósofo nos faz pensar sobre as ações do Estado sobre a educação em geral, e especificamente no que concerne ao ensino filosófico, quando o mesmo pergunta: “E se esse suspiro profundo fosse justamente o propósito do Estado, e a ‘educação para a Filosofia’, em vez de conduzir a ela, servisse somente para afastar da Filosofia?” (NIETZSCHE, 1978, p. 76). Essa parte do texto encontra-se na “III Consideração Intempestiva: Schopenhauer como educador”, e nela Nietzsche aponta para o modelo educacional tal qual era pautado no ensino universitário de sua época, bem como questiona a educação filosófica que, ao invés de favorecer a própria educação, favorece justamente ao Estado. Dessa maneira, argumenta o filósofo alemão (2011, p. 249) que: “Esta é uma indagação que deve ser colocada. – Mas, se fosse assim, somente haveria uma coisa a temer: que um belo dia a juventude descobrisse, afinal, com que propósito, para falar propriamente, se comete tal abuso contra a filosofia”. Dessa forma, a educação oferecida pelo Estado não proporciona uma educação para a filosofia, mas contra ela. No entanto, há de ser observado qual é o propósito do Estado em empreender tal mal contra a filosofia.

O fato a ser exemplificado na interpretação de Nietzsche é que o Estado não está interessado na qualidade do ensino, e assim propõe aquilo que lhe é útil. Busca, pois, aliar-se à filosofia não para promovê-la, mas a fim de promover seus interesses, pondo-os acima da qualidade do ensino. Dessa forma, expõe Nietzsche (2011, p. 254) que:

O Estado jamais se importa com a verdade, salvo com aquela que lhe é útil, seja isso verdade, meia-verdade ou erro. A aliança do Estado com a filosofia

não tem, portanto, sentido, senão quando a filosofia pode prometer ser incondicionalmente útil ao Estado, quer dizer, colocar o interesse do Estado acima da verdade.

Entende-se que o Estado, por utilidade, procura unir-se com a filosofia para fazer com que ela lhe seja útil à medida que tem por fim seus interesses e, com isso, não está interessado na qualidade. Então, é útil para o Estado ter a filosofia do seu lado para que ela não venha agir contra seus próprios propósitos. Nessa dimensão, a educação para a filosofia tornou-se comprometida e insatisfatória, uma vez que “o Estado não tem mais necessidade da sanção da filosofia, por isso ela se tornou para ele algo supérfluo. Se ele deixa de manter as disciplinas de filosofia, ou se, como prevejo para um futuro imediato, ele apenas as mantenha aparentemente e com negligência, sairá ganhando com isso” (NIETZSCHE, 2011, p. 255-256). Portanto, não existe interesse propriamente do Estado com a educação filosófica.

No contexto educacional que traz consigo as ideias do filósofo alemão tendo em vista uma educação que proporcione a libertação, Rosa Dias (2012, p. 11) esclarece que “A educação ocupa, na filosofia de Nietzsche, um lugar central. A máxima de Píndaro ‘como alguém se torna o que é’ dá a direção ao seu projeto educacional”. Por isso, a crítica de Nietzsche é importante para compreendermos a vontade do autor em relação a uma educação que proporcione a vontade de poder<sup>1</sup>. Sendo assim, para pensarmos sobre os aspectos que estão presentes na crítica do filósofo alemão à educação de seu tempo, faz-se necessário retornarmos na história para entendermos o contexto histórico e nos situarmos sobre o que acontecia no século XVII na Alemanha. Então, pode-se observar que:

O território, no qual irá constituir-se a nação alemã, acha-se no século XVII esfacelado em 300 Estados independentes e autônomos. O poder está nas mãos dos príncipes que regem livremente a política territorial e os negócios estrangeiros; cada cidadão tem uma função determinada e, sem iniciativas, desempenha seu papel com cega obediência (MARTON *apud* ZUBEN; MEDEIROS, 2013, p. 73).

<sup>1</sup> “A vontade de poder se identifica com a noção de interpretação. A ideia central é, portanto, a de um processo de domínio e de crescimento: ‘A vontade de poder *interpreta*: quando um órgão ganha forma, trata-se de uma interpretação; a vontade de poder delimita, determina graus e disparidades de poder. As simples disparidades de poder não poderiam ser percebidas como tais, tem que existir algo que queira crescer, que, com referência a seu valor, interprete qualquer outra coisa que queira crescer. [...] Na verdade, a interpretação é ela mesma um meio de se assenhorear de alguma coisa. O processo orgânico pressupõe um perpétuo interpretar” (WOTLING, 2011, p. 34).

A Alemanha era uma nação fragmentada na qual a economia era mercantilista e cada cidadão tinha uma função determinada, já que o interesse dos Estados era formar, “construir cidadãos”, para cumprir uma função, especialmente porque os interesses econômicos do país haviam mudado. Havia um desinteresse pela educação humanista, uma vez que:

[...] esse desinteresse pela formação humanista se deu principalmente por causa da alteração dos interesses econômicos do país, que devido ao desenvolvimento da indústria passaria a construir uma economia capitalista (ZUBEN; MEDEIROS, 2013, p. 73).

Desse modo, nos séculos XVIII e XIX a educação tal qual era oferecida, era, portanto, uma educação que precisava formar mão-de-obra especializada, utilitarista, pois deveria adequar a população para as novas necessidades econômicas. Com isso, tais necessidades deram lugar a uma formação tecnicista que, de um lado, tenta uniformizar a cultura e o ensino, e de outro, forma mão-de-obra especializada.

É importante esclarecer que Nietzsche é um filósofo da cultura<sup>2</sup> e ela está intimamente imbricada com a educação. Porém, ele não a defende quando a mesma apresenta caráter uniformizador, muito menos quando, no âmbito educacional, o ensino se volta para formar ou instruir os indivíduos para serem escravos, especialistas de uma cultura.

O conceito de cultura do filósofo alemão é fundamental em seu projeto educacional, pois ela – a cultura – é ponto de partida de sua análise acerca do processo de identificação de duas tendências que dominam os estabelecimentos de ensino e que, conseqüentemente, enfraquecem significativamente tanto o ensino quanto a cultura. Essas duas tendências – extensão e redução da cultura – pontuadas por Nietzsche são antagônicas, porém em termos de resultados, ambas causam decadência<sup>3</sup> à cultura, uma vez que suas pretensões trazem consigo um caráter

<sup>2</sup> “Nietzsche vê os agrupamentos humanos como complexos de cultura: a cultura envolve todos os tipos de expressão humana, e esses não estão isolados uns dos outros; não há separações entre produções espirituais e materiais. [...] Como exemplo, temos o modo de existência cristão, ligado à moral de rebanho, uma cultura insuficiente. Com a doutrina da vontade de potência, essa abordagem aprofunda-se, tornando-se fisiológica, ou seja, assume a perspectiva da dinâmica de forças ou impulsos em luta por mais potência” (FREZZATTI JR., 2016, p. 174).

<sup>3</sup> “Para Nietzsche, *décadence* é a desagregação dos instintos (Instinkte), tanto do indivíduo quanto da cultura, os quais não podem mais encontrar condições que propiciem o crescimento de potência, pois perderam toda a capacidade de seleção, supondo que tudo se equivale, tudo é nivelado, não há um estilo próprio, e podem até mesmo aceitar o que é prejudicial ou ruim (schlecht), ou seja, o que impede o crescimento de potência” (FREZZATTI JR., 2016, p. 179).

utilitário que no âmbito da formação dos indivíduos, anseia não pela verdadeira educação, mas adota como fim último o lucro e a especialização dos indivíduos. Vejamos como essas tendências estão implícitas e como elas despotencializam a cultura.

Estas tendências, tendo em vista a utilidade política e econômica, buscam meios para produzir o máximo de conhecimento possível, além de necessidade e felicidade, mas o objetivo maior é o lucro, tendo como um fim um capitalismo nocivo para a cultura. Então, essa seria a tarefa implícita de formação nesse estilo de cultura: criar indivíduos escravos do lucro para a promoção de “felicidade” do ser humano, pois:

Quanto mais houvesse indivíduos escravos do sistema, mais uma nação seria feliz; e o propósito das instituições de ensino contemporâneas só poderia ser justamente o de fazer progredir cada um até onde a sua natureza o conclama a se tornar, formar os sujeitos de tal modo que, do seu nível de conhecimento e de saber, ele possa extrair a maior de quantidade possível de felicidade e de lucro (NIETZSCHE, 2011, p. 73).

Como se vê, os aspectos dessa tendência têm como objetivo a formação que propõe uma quantidade possível de felicidade e de lucro, além de fazer com que o seu nível de saber siga apenas uma dimensão utilitarista. Noutras palavras, se daria a fórmula: quanto mais dinheiro, mais lucro, quanto mais lucro, mais felicidade. Isto é, na perspectiva nietzschiana, o que caracteriza o egoísmo dos negociantes, pois eles “[...] tem necessidade do auxílio da cultura e, por gratidão, em troca, a auxiliam também, desejando, bem entendido, prescrever-lhe, fazendo de si o objetivo e a medida” (NIETZSCHE, 2011, p. 216).

Uma via utilitarista por parte dos negociantes se sobressai na medida em que estes têm necessidade do auxílio da cultura em seu benefício. Em contrapartida, os negociantes tomam como objetivo subsidiar a cultura, porém, seu fito em proclamar mais conhecimento e cultura se volta para proporcionar mais necessidades, mais produção, e em consequência, mais lucro e felicidade. Ao refletir sobre esse aspecto, Rosa Dias (2003, p. 82) afirma que “As classes comerciantes necessitam de cultura e a fomentam, embora prescrevendo regras e limites para sua utilização. [...] Os adeptos dessa fórmula definem a cultura como instrumento que permite aos homens acompanhar e satisfazer as necessidades da sua época e um meio para torná-los aptos a ganhar muito dinheiro”.

Dessa forma, o egoísmo das classes negociantes se destaca quando toma um povo e uma cultura como instrumentos para satisfazer suas necessidades e obter mais lucro. Os negociantes e comerciantes fazem parte desse processo que desemboca na cultura, tornando-a fraca e decadente, tendo em vista que os interesses implícitos nessa tendência têm como objetivo formar o maior número possível de indivíduos escravizados para o enriquecimento material de quem está no poder. Desse modo, a educação que é oferecida é, portanto, desprovida de fundamentos consistentes para o ser humano.

Portanto, segundo a moral que prevalece nesse contexto, defende-se uma educação acelerada, a fim de que logo forneça lucro. Porém, trata-se de uma educação muito pobre de cultura, porquanto se volta para o capitalismo. “Não se atribui ao homem senão justamente o que é preciso de cultura no interesse do lucro geral e do comércio mundial”. Tal educação acelerada, que tem como foco formar indivíduos para ganhar dinheiro, está centrada em fornecer ao sujeito apenas aquilo que é preciso tendo por finalidade o interesse no lucro geral, bem como no comércio por parte dos negociantes e das indústrias.

### **Tornar-se o que se é e o além-homem**

A seguir veremos a discussão de dois movimentos filosóficos presentes em Nietzsche, considerados os mais significativos para refletir sobre a educação e, em especial, o ensino de filosofia. Dessa forma, o primeiro movimento é aquele do “tornar-se o que se é”, do caminho para ser o que se é, lema de Píndaro levado ao superlativo na filosofia de Nietzsche. A esse movimento corresponde o que seria uma necessária genealogia de si no processo de educação filosófica. Já o segundo movimento, que se segue existencialmente ao anterior, liga-se ao tema do além-homem<sup>4</sup> do filósofo alemão, que é aquele em direção à superação de si, a afirmação de uma singularidade criativa como experiência de vida e filosófica por excelência. Discutiremos ainda a respeito das interpretações nietzschianas sobre pensar a filosofia como invenção mediante a definição de vida como vontade de poder e vontade criadora para a

---

<sup>4</sup> “Com o termo além-homem Nietzsche busca exprimir a ideia de que o homem é algo que deve ser superado. Noção que surge em seu pensamento a partir do conceito de vontade de potência e do pensamento do eterno retorno do mesmo” (RUBIRA, 2016, p. 106).

construção do além-homem. Pensaremos acerca do ensino de filosofia na perspectiva da prática docente fazendo referência a apontamentos de Nietzsche e a interrogações acerca do ensino filosófico para uma experiência filosófica e de vida. Além disso, discutir-se-ão perspectivas de práticas de ensino de filosofia e a importância das metodologias de ensino, mormente na pretensão de direcionar o docente de filosofia a uma prática filosófica reflexiva em suas aulas. Assim sendo, apresentar-se-ão metodologias de ensino desenvolvidas para aulas de filosofia no nível médio.

Então, antes de tudo é importante destacar que no âmbito da formação que culmina no processo de educação filosófica, faz-se necessário compreender o que Nietzsche considera fundamental em termos de consciência de sua finalidade e no que se refere a esse projeto de formação do homem. A humanidade há de tomar consciência e responsabilidade de sua finalidade para que, assim, possa viabilizar as condições e circunstâncias que irão favorecer a transformação ou a criação de uma espécie: a espécie dos grandes homens, uma espécie superior.

É fácil compreender que a finalidade do desenvolvimento de uma espécie reside onde ela alcança seu limite e se transforma numa espécie superior, e não na massa de exemplares ou na sua prosperidade, “e deveria apesar de tudo ser muito fácil compreender que, posto que a humanidade pode tomar consciência da sua finalidade, ela tem de buscar e instaurar as circunstâncias favoráveis que permitiriam o nascimento destes grandes homens redentores” (NIETZSCHE, 2011, p. 213).

Portanto, o desenvolvimento e a elevação de uma espécie se configuram quando ela alcança seu limite e a partir disso se transforma em uma espécie superior. Dessa forma esta espécie não deve manter suas pretensões na massa, ou seja, não pode basear-se nos paradigmas de indivíduos massificados, porém no seu próprio limite para assim buscar transformar-se numa espécie superior. Então, exige-se dela plena consciência de seu limite e de sua finalidade tendo em vista estabelecer as condições favoráveis para que impulse o nascimento dos grandes homens.

O filósofo reconhece que o objetivo do amadurecimento e desenvolvimento da espécie dos grandes homens é uma tarefa da humanidade, pois, para Nietzsche (2011, p. 212-213) “[...] A humanidade deve constantemente trabalhar para engendrar os grandes homens – eis aí a sua tarefa, e nenhuma outra”. Nesse aspecto educacional a pretensão do filósofo alemão é que a humanidade, a partir do cumprimento de sua tarefa, promova a elevação cultural que possibilita o surgimento

de seres autênticos e singulares que possam “ser si mesmo” no sentido de serem autênticos, tornando-se o que são. Nessa perspectiva, o “tornar-se o que se é” como ponto fundamental no direcionamento do primeiro movimento perpassa o caráter genealógico da investigação filosófica, assim como também o processo de educação filosófica do sujeito.

Esse movimento está intimamente relacionado com a cultura, que “poderia ser entendida como a ideia que subjaz ao relato do processo temporal pelo qual um indivíduo singular alcança sua própria forma, constitui sua própria identidade, configura sua particular humanidade ou, definitivamente, converte-se no que é” (LARROSA, 2009, p. 45). Dessa forma, o processo que propicia um diagnóstico de si perpassa também um diagnóstico da cultura, já que “Nietzsche, também se insere, vigorosamente, na crítica da cultura e das instituições de cultura de seu tempo” (LARROSA, 2009, p. 44). Nessa perspectiva, esse movimento, com vistas a um caráter formativo na educação filosófica, é um convite nietzschiano ao sujeito para o experimento de si próprio na esfera do “formar a si próprio”, do “fazer-se a si próprio”, “cultivar a si próprio”. Nesse processo, o sujeito é este que percebe “o que se é” no presente, tendo em vista um “tornar-se”.

No sentido específico que esta palavra assume em filosofia e em pedagogia, em relação com o termo alemão correspondente, indica o processo de educação ou de civilização que se expressa nas duas significações de cultura, entendida como educação e como sistema de valores simbólicos (ABBAGNANO, 2007, p. 470). Ela direciona-se a transformar-se, criar-se, e o faz de maneira renovada para tornar-se, trazendo à tona sua própria identidade, transformando-se no que se é. Com isso, segundo Larrosa (2009, p. 46): “o processo de ‘chegar a ser o que se é’ aparece como dobrado sobre si mesmo e, contado em dois planos ao mesmo tempo, o plano sucessivo dos acontecimentos e o plano reflexivo, construído a partir do final, em que cada um dos momentos temporais é mostrado a partir de seu resultado”. A autocompreensão de pensamento como diagnóstico traz à tona o que se é, e o “tornar-se” é o que faz, o que move, o que transforma o sujeito, o que o impulsiona a tornar-se cada vez mais. Desse modo, “só quando uma vontade puramente afirmativa atravessa ‘o que se é’, o homem se converte em ‘o que é’” (LARROSA, 2009, p. 61).

Este movimento no processo de educação filosófica impulsiona a formação da singularidade do indivíduo na medida em que este torna-se, assim, criador e



transformador de sua própria forma e vida. É interessante fazer aqui uma observação importante: na dimensão educacional em que o indivíduo é o foco do processo de educação filosófica, o filósofo alemão está preocupado com a formação do indivíduo, para que ela esteja voltada para a construção de uma cultura de grandes homens. O projeto educacional que tem em vista o *tornar-se* há de estar consciente de seu papel sobre si e há de compreender o papel da cultura: “o engendramento sempre renovado do homem travando conhecimento com o que lhe é hostil, ou o torna hostil, pois, [...] por ora, temos a nossa tarefa e o nosso ciclo de deveres, o nosso ódio e o nosso amor” (NIETSCHE, 2011, p. 211).

O autor de *Assim falou Zaratustra*, tendo Schopenhauer como paradigma de educador, ao fazer referência a ele quer destacar que a cultura há de preparar o homem para travar conhecimento com aquilo que lhe é hostil e assim lutar contra tudo aquilo que priva o ser humano de tornar-se na realização suprema da existência. Desse modo, o convite de Nietzsche ao homem para tornar-se o que se é traz consigo o caráter de ser um indivíduo singular, que não quer pertencer à massa.

Na *III Consideração Intempestiva*: Schopenhauer como Educador, Nietzsche destaca o caráter de libertação do sujeito no seu trajeto educacional no que se refere a este não querer pertencer à massa, e isso se expressa quando o mesmo afirma: “O homem que não quer pertencer à massa só precisa deixar de ser indulgente para consigo mesmo; que ele siga a sua consciência que lhe grita: ‘Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e desejas’” (NIETSCHE, 2003a, p. 139).

Toda alma jovem ouve este apelo dia e noite, e estremece; pois ela presente a medida de felicidade que lhe é destinada de toda a eternidade, quando pensa na sua verdadeira emancipação: felicidade à qual de nenhum modo alcançará de maneira duradoura, enquanto permanecer nas cadeias da opinião corrente e do medo. E como pode ser desesperada e desprovida de sentido a vida sem esta libertação! (NIETSCHE, 2003a, p. 139).

Então, este indivíduo obedece à sua consciência e diz para si mesmo que não pode se acomodar com sua condição, propondo a si um tornar-se, afirmar-se enquanto busca, assim, ser diferente e não pertencer à massa. Seguir sua consciência e tomar consciência daquilo que se é e o que faz no agora é critério para que o sujeito possa ter o pensamento de si em um primeiro momento para, posteriormente, mergulhar no processo de emancipação e libertação, não pertencendo à massa, e assim, ser si mesmo dando sentido à vida, visando sua libertação. Portanto, Nietzsche

se engaja em seu projeto de elevação de uma cultura superior, de homens selecionados, pois: “[...] não é a cultura da massa que deve ser a nossa finalidade, mas a cultura de indivíduos selecionados, munidos das armas necessárias para a realização das grandes obras que ficarão” (NIETZSCHE, 2003c, p. 90).

## Conclusão

Sendo assim, no contexto em que a educação filosófica é fator primordial na vida de um jovem, Nietzsche propõe uma questão de suma importância e que serve como uma espécie de exame de consciência por parte deste, a fim de perceber sua vida em seu valor individual, e não em proveito do grande número, ou seja, da coletividade massificada, paradigma de valor menor, vivendo em proveito do exemplar mais raro. Questões importantes assim se afirmam: como a tua vida, que é uma vida individual, adquiriria o valor mais elevado, o significado mais profundo? Como seria ela menos desperdiçada? Certamente, unicamente na medida em que tu vivas em proveito do exemplar mais raro e mais precioso, e não em proveito do grande número, quer dizer, daqueles que, tomados isoladamente, são exemplares de menor valor. “E o estado de espírito que é preciso justamente implantar e cultivar num jovem é que ele se compreenda a si mesmo sobretudo como uma obra carente de natureza, mas ao mesmo tempo como um testemunho das intenções maiores e mais maravilhosas deste artista” (NIETZSCHE, 2011, p. 213-214).

No segundo momento, o conceito de além-homem é tão importante quanto o anterior, pois Nietzsche o compreende como um sujeito que fomenta seu próprio valor moral. Pensar a educação por meio desse conceito é refletir sobre uma educação radicalmente transgressora por motivar o sujeito a ir além do que a sociedade e a cultura estabelecem como verdades absolutas. Então, fica o seguinte questionamento: como um indivíduo irá criar seu próprio valor sem ser automaticamente hostilizado e rechaçado pelos seus contemporâneos? Observo que desses sentimentos e atitudes o além-homem não irá conseguir escapar, mas que a semente foi plantada para as futuras gerações e seus filhos irão nascer em uma cultura fortalecida e bem mais autêntica.

Conclui-se que no processo de educação filosófica o jovem há de refletir acerca de como sua vida individual alcança o valor mais elevado e seu significado mais

profundo, bem como viver tendo como exemplo os grandes homens de cultura, pois o que se faz necessário cultivar em um jovem é levá-lo a um estado de espírito de compreensão de si mesmo, para perceber-se como obra carente de natureza, mas que pode elevar-se compreendendo a si mesmo e atribuindo significado e valor elevado à sua vida, podendo, assim, se tornar também um exemplo raro.

## Referências

DIAS, Rosa Maria. Cultura e educação no pensamento de Nietzsche. **Impulso**, Piracicaba, v. 12, n. 28, 2001, p. 33-40.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. São Paulo: Scipione, 2003.

DIAS, Rosa Maria. Nietzsche: educador da humanidade. **Revista Lampejo**, Fortaleza, ano 10, n. 2, 2012, p. 10-16.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GALLO, Sílvio. O ensino da Filosofia e o pensamento conceitual. *In*: CARVALHO, Marcelo; CORNELLI, Gabrielli (Orgs.). **Filosofia e formação**. Cuiabá: Central de Texto, 2013. p. 205-215.

KOHAN, Walter. Como ensinar que é preciso aprender? Filosofia: uma oficina de pensamento. *In*: CARVALHO, Marcelo; CORNELLI, Gabrielli (Orgs.). **Ensinar Filosofia**. Vol. 2. Cuiabá: Central de Texto, 2013. p. 75-83.

LARROSA, Jorge. *Como se chega ao que se é. Para além da Bildung*. *In*: LARROSA, Jorge (Org.). **Nietzsche e a Educação**. 3ª ed. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 41-67.

MATOS, Junot Cornélio; MEDEIROS, Adamo Micael. Reflexões e contribuições para a metodologia do ensino de filosofia na perspectiva da Pedagogia da Autonomia freiriana. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília, n. 24, mai./out. 2015, p. 121-136.

NIETZSCHE, Friedrich. **III Consideração Intempestiva: Schopenhauer como educador**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

NIETZSCHE, Friedrich. III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador. *In*: MELO SOBRINHO, Noeli Correia de (Org.). **Escritos Sobre Educação: Friedrich Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2003a. p. 138-222.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Madrid: Alianza, 1971.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Como alguém se torna o que é. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre Educação**. Tradução e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. 7ª ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Ed. PUC-Rio; Loyola, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**: uma polêmica. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino. *In*: MELO SOBRINHO, Noeli Correia de (Org.). **Escritos Sobre Educação**: Friedrich Nietzsche. São Paulo: Loyola, 2003c. p. 41-137.

SILVA JÚNIOR, Ivo da. Modernidade. Sentido histórico. *In*: MARTON, Scarlett. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016. (Coleção Sendas & Veredas).

WOTLING, Patrick. **Nietzsche e o problema da civilização**. Tradução de Vinicius de Andrade. São Paulo: Barcarolla, 2013.

Recebido: 21/03/2024  
Aprovado: 24/04/2024